

Fé e Devoção no Santuário das “almas do desastre” de Marimbá, em Altos-PI

Fernanda Gomes de Lira¹

O presente trabalho tem como enfoque principal a análise da devoção popular que ocorre no santuário das “almas do desastre” de Marimbá, em Altos-PI. A partir dessa análise buscou-se verificar como foi se propagando essa devoção para com as vítimas do acidente, bem como identificar o significado do que representa o santuário na vida dos devotos.

Tendo em vista tais indagações, procuramos reunir uma quantidade significativa de fontes para que tais questionamentos fossem respondidos. Nesse sentido, pesquisas de campo foram realizadas no santuário das “almas do desastre”, no dia de finados do ano de 2011, foram registradas imagens das práticas de devoção que ocorrem naquele espaço. Para que a pesquisa fosse ampliada, o santuário foi analisado como um lugar de memória, pois as lembranças e as experiências vividas pelos devotos naquele espaço fazem com que as práticas de devoção continuem a serem realizadas ao longo do tempo.

Ao narrarmos uma história do acidente, suscitamos algumas indagações: como são entendidas e difundidas as práticas de fé e devoção no santuário? Como se propagou no imaginário religioso de alguns Altoenses a concepção sobre as almas das vítimas serem milagrosas? Como a Igreja católica da cidade de Altos vê tais práticas?

Os devotos se constituem como os difusores e os responsáveis pelas práticas de fé e devoção que ocorrem no santuário. Nesse sentido, para uma melhor compreensão da pesquisa acidente, dividimos o capítulo inicial em quatro sub-tópicos. No primeiro: “A tragédia que comoveu Altos”, apresentamos o acidente, com base no jornal “O Dia” que o narra, com sentimentos piedosos, em virtude do grande clamor público que a tragédia causou na época.

No segundo sub-tópico denominado: “A formação de um espaço sagrado”, abordamos a transformação do local do acidente em um espaço sagrado, pois esse é usado como santuário pelos devotos das almas das vítimas do acidente. As manifestações religiosas populares ocorrem geralmente sem a presença de um eclesiástico da Igreja católica. Manifestações desta natureza, envolvendo religião e cultura popular, vêm ocorrendo ao longo do tempo.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – Campus “Heróis do Jenipapo”

Elegemos a nova história cultural como orientação intelectual de análise uma vez que esta vem contribuindo para o estudo de novos temas que antes se restringiam aos historiadores das mentalidades, direcionando um “novo olhar” para a história ampliar estudos sobre a cultura e as identidades sociais. Seus objetos se diversificam, podendo ser a “cultura popular”, a “cultura letrada”, as “representações”, dentre outros campos de interação social.

A devoção popular se constitui nas demonstrações de fé, na qual diferentes entidades divinas são escolhidas por indivíduos religiosos que buscam soluções, ou buscam retribuir graças alcançadas. Essas demonstrações de fé consistem na realização de orações, em visitas à igreja e santuários populares, no depósito de ex-votos em lugares santos, como forma de agradecimento pelo pedido atendido, e também consistem em sacrifícios e penitências.

É importante ressaltar que cada demonstração de fé, tem sua forma peculiar de ser expressa por cada pessoa. Vale atentar, que essa devoção popular era realizada sem a intermediação das regras eclesiásticas católicas, e a fé que os devotos têm pelos santos é motivada pela forma como o indivíduo percebe o mundo através de práticas religiosas e que diante de tais práticas busca e ansia por fé.

Por muito tempo, as práticas de devoção popular configuraram-se como um “empecilho” para a igreja católica, pois essas práticas populares não seguiam seus dogmas oficiais. Porém, vale atentar que antes da separação entre estado e igreja, o exercício da religiosidade, em especial a católica, era praticado no ambiente privado, pois “mesmo distante das igrejas, os católicos mais devotos não deixavam de rezar, sobretudo a ave-maria” (MOTT, 2010, p.164).

Ainda segundo Mott, a casa enquanto moradia, era o lugar onde mais era exercida a religiosidade privada dos católicos. Na maioria das casas, podiam ser percebidas cruces de madeira nas portas de entrada, e imagens, quadros e amuletos compunham o quadro religioso no ambiente privado. Os quadros fixados na parede das salas representavam os santos mais queridos pelo proprietário da casa. Esse catolicismo doméstico que prevaleceu no Brasil colônia, era perpassado pelo desenvolvimento de oratórios onde talismãs, ou imagens esculpidas em barro e madeira eram conservados dentro desses oratórios.

Ao longo dos tempos, a igreja católica vem se tornando mais flexível, e até mesmo aderindo às manifestações de devoção de caráter popular, como no caso da devoção as “almas do desastre”, e é interessante se pensar na visão que a igreja católica tinha das formas como

eram manifestadas a religiosidade popular no Brasil colônia, e de qual visão a igreja católica atualmente possui sobre a religiosidade popular.

As origens e as formas particulares de devoções são diferentes, e o culto a almas não poderia ser diferente, estas, assim como os santos populares, também passam pelo processo de identificação e santificação popular, pois, no imaginário popular, acredita-se também que a alma é imortal, e pode retornar para o mundo dos vivos, principalmente para o lugar em que morava ou o local em que morreu. O seu retorno pode ser em busca de orações, ou até mesmo para assombrar os vivos. Pode aparecer em sonho, “pedindo favores” ou revelando algo. A alma é vista com aspectos humanos, possuindo as mesmas feições de quando ainda estava ligada ao seu corpo.

Na cultura popular Brasileira, as almas e os santos representam os intercessores na mediação entre os devotos e Deus. E a devoção a estes, incluem desde os pedidos, e as formas de se pagarem e agradecer pelas graças alcançadas. As almas e os santos representam para os devotos seres que são dotados de espiritualidade que se encontram juntos a Deus. Segundo Durkheim, entre os seres sagrados e os profanos há uma solução de continuidade, em que os ritos servem para evitar a junção dos seres sagrados com os profanos, pois assim, um não invadiria o domínio do outro.

As manifestações populares têm suas memórias registradas pela história oral, pois a oralidade era o meio utilizado para comunicação dos primeiros homens, em que a fala e o gesto propiciava a interação destes com outros homens. Nas sociedades ágrafas, a palavra falada detinha muita importância na cultura dos povos ágrafos, e o ato de repetir era o meio utilizado para “guardar” o conhecimento adquirido, no intuito de que este não fosse esquecido. Porém, com o surgimento da escrita, a linguagem oral foi condicionada e vinculada à escrita.

Desse modo, cabe ressaltar a importância da tradição oral na propagação da devoção popular para com “as almas do desastre”, em que no imaginário popular local se acredita que estas realizam milagres; e a representação desses milagres para os devotos, se imprime na força, na apropriação de se propagar discursos que legitimam o que é real, perpassando “os modos de sentir” e “de pensar” dos devotos.

Os fiéis constituem-se como sendo os difusores responsáveis pelas práticas de fé e devoção que ocorrem em torno do “santuário das almas” do desastre; e sem a difusão dos discursos em torno dos milagres atribuídos às almas, a história e as lembranças das vítimas do

acidente – que são considerados seres sagrados e possuem o poder de concederem milagres – se perderiam no tempo e conseqüentemente caindo no esquecimento.

A comunicação oral é o meio mais utilizado para se conhecer e transmitir a cultura popular, e muitos devotos das “almas do desastre” passaram a ter devoção por estas, porque “ouviram falar”, que no santuário “das almas do desastre” de Marimbá ocorrem concessões de milagres, e foi através de relatos de graças alcançadas que hoje muitos Altoenses tornaram-se devotos destas almas. Maria de Lourdes, uma das devotas das “almas do desastre” teve conhecimento e começou a ter fé pelas almas, por que “ouviu dizer de algumas pessoas da cidade, que era só ter fé nas almas, que estas concediam o pedido”.

Assim como D. Maria de Lourdes, outros devotos passaram a acreditar nas “almas do desastre” porque “ouviram falar” dos milagres por intermédio de outras pessoas. O local da morte das vitimas do acidente desastroso com o tempo foi socialmente se constituindo na tradição ora, sendo considerado como sagrado. O despertar de fatos passados é provocado pelo espaço, em que, nas tradições orais, surgem histórias reais ou imaginárias, no intuito de narrar um fato, neste caso, um acidente de proporções trágicas. Segundo Santos (2009, p.62) “o espaço possibilitava o despertar das sensibilidades e memórias singulares”. É a partir da morte das vitimas do acidente desastroso, que os devotos acreditam que o lugar do acidente é sagrado.

Ao analisar o santuário das “almas do desastre” como um espaço de devoção, devemos elucidar também, que esse espaço é um lugar de memória. A religiosidade presente no santuário, em que muitos devotos atualmente vivem, já era compartilhada por outros devotos em outros tempos. Nesse sentido, as lembranças quanto ao espaço religioso e as devoções vão se perpetuando, pois “os religiosos sentem a necessidade de se apoiar sobre uma materialidade, um objeto e/ou espaço como forma de manutenção das tradições, mesmo que as práticas e saberes se renovem sobre ele” (SANTOS, 2009, p.13).

Assim, os devotos reconstroem suas lembranças e pensamentos tendo como suporte a materialidade de um espaço, no caso em questão seria o local do acidente, o qual foi construído o santuário. A morte das vítimas do acidente do Marimbá consagrou uma materialidade sagrada, e fez com que se estabelecesse uma “comunicação” entre os devotos e as almas das vitimas do acidente. Além disso, podemos ressaltar também ao prosseguimento das crenças em torno da morte das vitimas, e a continuidade das práticas de devoção por meio da narrativa dos devotos, que vão narrando suas experiências religiosas.

A ideia de se perceber o santuário das “almas do desastre” como um lugar de memória, se deve a necessidade de lembrar e rememorar e o porquê do surgimento daquele espaço, porque acreditamos que se esse espaço não existisse, as memórias em torno do acidente desastroso que ocorreu naquele local, ficariam “perdidas”, pois o surgimento de lugares de memória nasce com o intuito de fazer com que tais acontecimentos não sejam esquecidos. Quanto a isso, Nora diz que: “Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (p.7).

Dessa forma, percebemos a necessidade de existência de um domínio concreto, e material, no exercício de estímulo de rememoração de um acontecimento, uma data, um evento, enfim, algo que faça com que os indivíduos lembrem tal acontecimento, pois “memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos” (NORA, 1984, p.9). Essa memória que emerge de um grupo, com o tempo se finda quando tais grupos chegam à linha do esquecimento, e em virtude disso, surgem os lugares de memória, para que esta memória não seja perdida.

Não obstante, Nora diz que os lugares de memória não existiriam, se a memória deixasse de ser “transportada” pela história. O entrecruzamento da memória com a história, fez com que cada grupo de indivíduos formasse sua identidade através de sua própria história, pois esta memória é uma memória externa que vai sendo interiorizada pelos indivíduos, na qual estes tentam buscar sua identidade.

Segundo Nora, para ser lugar de memória, não basta a concretude do local, a sua materialidade, nesse lugar tem que existir um ritual: “mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes só entra na categoria se for objeto de um ritual” (p.21). Os lugares de memória se enquadram, em três aspectos: material, simbólico e funcional, e esse três aspectos se interligam.

O santuário das almas do desastre de Marimbá se classifica como um monumento aos mortos que é permeado por uma aura simbólica, um “santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio” (Brandim, 2007, p.26). O lugar de memória se constitui como um espaço fechado no que concerne a sua identificação, e, ao mesmo tempo, esse espaço se apresenta como aberto, quando se apóia em significados diversos que se pode obter a partir dele.

Os lugares de memória podem permanecer na memória dos indivíduos por muito tempo. Há lugares públicos que fazem parte da memória, lugares de comemoração, como os

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto de história, São Paulo. 10 de dez, 1993.

POLLACK, Michel. **Memória e identidade social**. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

SANTOS, Cícero Joaquim. **O espaço da morte na tradição oral**: o caso da Cruz Rufina no sul do Ceará. Rev.especialidade [online]. 2010, vol.3, n.2.

Jornal

O Dia. Mauricius, Petrus. Ed. 477. 1957.

Entrevistas

BARBOSA, José Gil. Advogado José Gil Barbosa. [Altos]: 4 de ago. 2012. **Entrevista concedida a Fernanda Gomes de Lira.**

COSTA, Maria da Conceição da Silva. Do Lar Maria da Conceição da Silva Costa. [Altos]: 12 de Nov. de 2012. **Entrevista concedida a Fernanda Gomes de Lira.**

FILHO, Felipe José Mendes Raulino. Engenheiro Civil Felipe José Mendes Raulino Filho [Altos]: 12 de jan. de 2013. **Entrevista concedida a Fernanda Gomes de Lira.**

LOURDES, Maria de. Do lar Maria de Lourdes. [Altos]: 15 de ago.2012. **Entrevista concedida a Fernanda Gomes de Lira.**

OLIVEIRA, Alberico Abreu de. Leiteiro Alberico Abreu de Oliveira. [Altos]: 16 de Nov. 2012. **Entrevista concedida a Fernanda Gomes de Lira.**

PEREIRA, Claudinei Silva. Pe. Claudinei Silva Pereira [Altos]: 11 de jan. de 2013. **Entrevista concedida a Fernanda Gomes de Lira.**

VALE, Edson Falcão do. Empresário Edson Falcão do Vale [Altos]: 11 de jan. de 2013. **Entrevista concedida a Fernanda Gomes de Lira.**

Recebido em: *11 de novembro de 2012*

Aprovado em: *15 fevereiro de 2013*